

# O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

## O AMOR-PERFEITO.

 QUANDO appareceu esta publicação periodica, no nosso prospecto compulsamos as difficuldades com que tinhamos de lutar, e apreciamos as vicissitudes por que passam as emprezas litterarias no nosso paiz. Fomos como o geognosta que explora o terreno para melhor conhecê-lo; e, com quanto n'este nosso presupposto attrahissemos as iras de um contemporaneo, todavia não temos arripiado carreira do alvo a que fitamos; vamos satisfazendo nossos compromissos com os nossos assignantes, vamos compendiando o que achamos de mais interessante no dominio do *utile dulce*, e, mercê de Deus, não desacoroçaremos, embora alguém nos pragueje, e busque empeeer a marcha que vamos indo. Não somos um fanal como o da antiga *Pharos*, na republica das letras; mas também não nos assemelhamos a esses fogos fatuos, que fugaces, illuminam o espaço para ao depois darem mais vulto ás trevas; damos a luz que podemos, e havemos de empregar todo o esforço para que ella não se embacie, conti-

nuando a não recuar na presença de qualquer embaraço que se nos opponha a conseguir esse desideratum.

O maior quinhão da felicidade que tem acompanhado esta nossa publicação, cabe por sem dúvida a nossos assignantes, e ás pessoas que nos têm generosamente obsequiado com os seus importantes trabalhos intellectuaes. Sem este poderoso auxilio, pouco caminháramos, sem o concurso de seus desvelos pouco fizemos; e por tanto fôramos deseuídos de nossos deveres, e merecedores do stigma de ingratos, se de prompto não agradeessemos a benevolencia com que temos sido acolhidos. Continue-nos ella a favorecer, que temos para nós seguros garantos de longevidade, e assim poderemos tornar effectivos os desejos de progressivamente ir levando nossa empressa ao grão de aceitação que lhe almejamos, não para d'aqui colher vantagens pecuniarias, mas para ficarmos tranquillos, e convietos de que não fomos temerarios quando nos arremessamos ao mar das letras, e quando julgamos que de nossas luebrações poderia provir algum resultado de interesse para o público.

N'este intuito, é com a maior satisfação que começamos hoje a publicar o excellente poema — A SYLPUO, — produção de um joven e distincto Poeta Brasileiro, com que se dignou brindar-nos.

Accite elle a nossa sincera gratidão, e sirva o seu procedimento de incentivo a outros Vates e Autores, a quem offertimos de bom grado as nossas minguadas paginas.



### HISTORIA DAS LOTERIAS.

**M**UITA gente crê que a origem das loterias data do ultimo seculo, ou, quando muito, do reinado de Luiz XIV, por isso que tem visto alguma cousa a este respeito nas memorias de fazer fortuna com os sonhos sobre as combinações de *Cagliostro*.

Os leitores não desgostarão talvez de aehar aqui um extracto rapido de um trabalho interessante por si mesmo, porém fastidioso, quanto ao comprimento, e pouco consultado, até hoje, pelos curiosos; bem que seja a loteria a moda mais vulgar da presente idade.

O jogo do acaso, a que se tem dado o nome de *loteria* foi estabelecido, em *Paris*, em 1644, por uma ordenança que o denominava — *banco*, ou *banco real*. Havia muito tempo que estas sortes de bancos existiam na *Hollanda*, e em toda a *Italia*; até havia um em *Lyon*, e então as loterias estavam tão em voga no *Egypto*, e principalmente no gran *Cairo*, que ninguem atinava com a origem d'ellas, sendo que quasi tudo ali se vendia por este meio.

Os *Italianos*, que as introduziram em *França*, quizeram em principio dar-lhes o nome de loteria que tinham em *Veneza*, e em *Genova*; mas *l'augelas*, que foi nomea-

do administrador d'ellas, oppoz se constantemente á introdução d'este nome na lingua franceza, e só com o seu fallecimento é que ellas receberam o nome pelo qual hoje se as conhece.

N'estes principios não era a loteria o que depois se tem tornado. Os lotes, que hoje são dinheiro, se compunham então de casas, baixellas, joias, quadros, e diversos objectos preciosos, vendendo-se assim innumerous bilhetes a um preço muito modico, e entregando-se o objecto sahido no número feliz.

No comêço do reinado de Luiz XIV, todas as damas da cõrte jogavam a loteria, haviam lotes na estimativa de 40, 50, 60, e 100 mil francos. *Sauval* diz que viu ganhar por alguns escudos bibliothecas numerosas, e bem escollidas, casas de campo, magnificas mobílias, e uma multidão de cousas de grande valor, como grandes diamantes, quadros de *Leonardo de Vinci*, de *Ticiano*, de *Poussin*, etc.

Os administradores d'este estabelecimento fizeram tão rapida fortuna, que viviam na maior ostentação de mesa, e trem de grandes personagens.

Pouco tardou em subjeitar-se a uma vigilante policia as loterias; e, para que ellas não dessem occasião a promptas ruinas, foi fixado n'um escudo o preço de cada bilhete; marcou-se que haveria dois mezes de espaço entre a proposta, e a extracção dos lotes, e que os números seriam tirados da roda por um menino. A cousa ia em ordem, quando as seis corporações de mercadores se queixaram que a loteria lhes prejudicava o negocio. Chicanou-se, e foi abolida a loteria em 1657.

Restabeleceu-se no anno seguinte, mas para não paralyzar o commercio, foram os premios propostos em dinheiro. Seu computo era de cem mil bilhetes, dos quaes noventa mil se vendiam por escudo cada um, quatro mil a dez francos, e o resto a preço intermediario.

Tendo comprado o rei, a rainha, e a rainha-mãe n'esta occasião lotes de cem luizes, que foram premiados, não perigou a loteria, antes proseguiu com a melhor ordem; e, para se mostrar ao público que não havia dólo, lembraram-se de fazer extrahir os bilhetes por seis meninos, escolhidos á sorte entre doze, que para tal fim eram trazidos d'um hospital de caridade.

(Continuar se ha.)



### REVISTA DA SEMANA.

**D**OS jornaes d'esta côrte nada se pôde dizer, isto é, senão *mutatis mutandis* o que no numero antecedente em esboço referimos. As noticias estrangeiras asseveram que Veneza succumbiu aos Austriacos, e que os Hungaros no meio dos seus suffragios vão succumbindo. Na assemblea legislativa de França continuam as interpellações do Sr. Arnaud (de l'Ariège) sobre a expedição á Roma, com os quaes argumentos a assemblea se não congratulará porque a republica de França nasceu sem *lampiões*; e segundo o que temos ouvido expressar aos de puro sangue vermelho, não podia senão ser um aborto apressado do frenesi de vontades desregradas, e consequentemente sujeita a todas essas centenas de vicissitudes, por que tão malfadadamente já tem passado. — Os escriptos do historiador continuam por meio da imprensa a analysar a conducta do Sr. de Lamartine na revolução de fevereiro, e a tornal-o solidariamente responsavel sobre os males e desacertos dos seus actos como politico, e das suas inspirações como poeta: entretanto estamos na intima convicção, porque militam 99 probabilidades contra uma, que o historiador possa levar ao cabo o extremar com sincera verdade a culpabilidade do Sr. de

Lamartine, entre as effervescencias que se succediam a cada instante n'esses dias de fevereiro! Uma das cousas que occupa tambem uma grande parte dos jornaes lidos e conhecidos é a morte do grande Mehemet-Ali; e a sua nechrologia periodica é uma analyse de sua vida privada e publica para com os seus dominios, a que elle aparentou sempre ter uma decidida dedicação, e para sermos conscienciosos tanto quanto o devemos ser, todos os factos da sua vida o demonstravam, e ainda que se queira presuppôr que por dever fóros e obdiencia a alguem elle sancionou actos de summa barbaridade, é ainda caso negando que a balança se inclinasse para a ruina dos seus estados.

Em Buenos-Ayres continúa a apromptar-se á toda a pressa a expedição para o Paraguay. — O presidente da camara de Corrientes foi preso á sahida da igreja principal, e mais cinco pessoas, que passado uma hora já não existiam, fuzilados na praça á vontade de Rosas e pelas suas assas barbaras ordens.

Quanto á litteratura n'esta côrte, essa pôz o bonet phrygio, e levou á lanterna as aristocracias antigas.

O Robespierre desta quadra de terror é o *Artista* nos seus juizos criticos sobre o theatro dramatico; temos ainda a condescendencia de reconhecer que a penna que escreve sobre theatros não é a mesma das analyses aos dramaturgos e aos actores; assim como nos parece que o tal escrevinhador de bastidores, pilha o redactor em chefe descuidado, e parte a correr para a rua do Lavradio, para no dia seguinte nos dizer que o drama é o *Trapeiro*, e o *Trapeiro* é o drama!... e ver ondular sobre as cabeças dos passantes um como frenetico delirio de terem lido tão bons raciocinios, deduzidos de idéas prenes de um não presta que enfastia. O arcabuz do tal critico enferruja-se e entupe-se cada vez que dispa-

## O Amor-Perfeito.

ra duas linhas de satyras. Se assim continúa não será admittido nas forças belligerantes da critica; mas nem por isso deixará de ser arrumado nas ordenanças da litteratura. Pêsa-lhe o mosquete. Terá chuzço, e irá servir ás ordens dos capitães-mores da imprensa, que pela essencia do cargo propendem para a fossilisação, e para a crystallisação confusa. Diz-se pela bocca pequena que a Sr.<sup>a</sup> Ida traja lucto pela morte do seu defunto esposo o conde de *Petipé-Carino!* e que esta Sr.<sup>a</sup> se predispõe contrahir novos esponsaes, de que deve ser, por graça de Deus, madrinha a *Revisita Theatral*— e, por graça dos homens, o *Beija-flor*; e ha bem fundadas esperanças que este feliz consorcio se celebre no pinca-ro do Corcovado, onde se recitará a celebre e chistosa parodia— *Como és tolo— Dou-te um bolo. — Não!... não dou!... — A Lucia de Lamemoor* foi soffrivelmente, e della daremos um esboço no numero que se segue a este, se o tempo permittir!

Terminamos por hoje recommendando ás familias que por economia vão a pé em tempo molhado, de não consentirem que o escravo atravesse o salão do primeiro theatro desta côrte, com um molho de tamancos espetados na ponta de um páu e isto não lhes pedimos nós por interesse intimo de decencia e educação, mas sim porque nos fazem lembrar os nossos saudosos passeios á Viteleira, e ás romarias á Nossa Senhora do Rosario da nossa terra.

O MONTANHEZ.

### O MARMOTEIRO.

**P**ORQUE até aqui ninguem se tem animado a dizer pela imprensa alguma cousa a respeito da publicação periodica que corre por ahi com o nome de *Marmota*, e onde o Marmoteiro como um novo

*Crates* trata tudo tão de resto, que parece querer dar-se pelo mais singular parto da creação? Esta pergunta é feita por muita gente, mas ninguem ainda tem querido respondel-a, não sabemos se por considerar o Marmoteiro um verdadeiro truão, e como tal autorizado a dizer tudo quanto lhe vier á cabeça, ou por temer que esse *engraçado poeta*, e *faceto escriptor*, como elle mesmo com a mais *ingenua modestia* se chama, desabe alguma tremenda descompostura sobre quem ousar beliscal-o.

Quer o *faceto escriptor* seja um caturra, quer seja um Hercules publicista, cuja penna transformada em clava csinague tudo sôbre que caia, vamos atarefar-nos em fazer alguns reparos ácerca das suas publicações, embora nos exponhamos, no primeiro caso, a ouvir cynico palavreado, e no segundo a levar algum coque que nos faça ver as estrellas ao meio dia.

Logo no primeiro n.<sup>o</sup> da *Marmota* o senhor Corregedor do que ha pelos arredores do theatro de S. Pedro, tratando da visita feita á pessoa de mais significação no paiz, usou de uma linguagem, que, por demasidado familiar e chula, era por sem duvida impropria da alta personagem a que se dirigia; no segundo n.<sup>o</sup>, contando a viagem que fez da Bahia para esta Côrte, e omitindo o bom numero de *cacholetas* que levou durante a mesma viagem, e o haptismo de alcatrão, que lhe preparavam ao entrar desta barra com a competente solemnidade de *roda de travesseiros*, e alguns *amigaveis pontapés* espichou-se como um gato. Quiz triihar a vereda de Juvenal, Marcial, Boileau, e do nosso Tolentino, e coitado, cahiu nos atoleiros dos Bavios, e Mevios, onde se chafurda até os narizes. Sem instrucção, amigo e Sr. Corregedor, ninguem escreve duas linhas que prestem; e tendo a instrucção lhe mandado muitas recommendações, Vossa Corregedoria não pôde dizer senão ninharias, e tão anans,

meu caro Sr., que alguém tão desembaraçado como o Marmoteiro, as chismará de babuseitas.

Em outro numero, tratando Vossa Gaia-tice do jantar da Ponta d'Arca *il va sans dire* Vossa Gaia-tice sempre se acha onde ha *comezana*; comme como sybarita, ou turco no *Rhamadan*, e depois cospe no prato) de-audou uma tempestade de dicitérios contra uma senhora de idade para adular as moças, pensando assim que estas hão de pôl-o nos corações dos seus cabellos! Como se engana, meu trovão de pataratas! As nossas bellas patricias não são Hypparcas, tem muito bom paladar, e de certo, além do riso de mofa, não farão outro obsequio ao rabiscador de graçolas. Com a descompostura dada na tal senhora idosa mostrou Vossa Corregedoria que não quer ser velho; cunpra sen desejo, e se a Libitina não lhe descarregar o golpe, suicide-se por ali com alguma vela de sebo.

Para coroar a obra o tal senhor da *Marmota* ferra duas lograções famosas com a publicação das — Charadas sublimes —, e não podendo decifral-as, porque a primeira é um lógro, e a segunda é o diabo em carne e osso, promette a quem tal fizer um volume do drama do Sr. Dr. Macedo; do Sr. Dr. Macedo, cujos versos em um album, elle Marmoteiro achou mal feitos, sendo que faz tão bem versos na sua *Marmota* como nós pares de sapatos.

Não concluiremos sem dizer que não desejamos offender pessoalmente o redactor Prospero; fallamos de suas proesas, e como nos convencemos de que ellas em nada abonam o estado de civilisação da nossa terra, as unhamns como indignas da imprensa. Póde ser que não tenhamos razão, mas pensando,

Que o tal doutor formado em Marmotismo  
Entre nós é o chefe do e nismo  
temos para nós que fazemos bem em dar-  
lhe este lembrete.

## VARIÉDADES.

\*\*\*

### O PAI INDIGENTE.

EM 1662, Paris era assaltado de uma longa e cruel fome. Uma noite de estio, que Mr. de Salo, conselheiro no parlamento, vinha do passeio, seguido somente d'um laçao, um homem o abalroou, lhe apresentando uma pistola, pediu-lhe a bolça, porém, tremendo como quem ainda não tinha exercido este officio.

— Vós vos dirigis mal, disse-lhe Mr. de Salo: eu não vos farei rico, não tenho se não trinta francos, que vos darei de boa vontade.

E os entregou immediatamente.

— Segue com cautela aquelle homem, disse Mr. de Salo a seu criado; observa, o mais possível, onde elle entrar, e te não demores a vir dar-me parte.

O servo, fez o que seu amo lhe ordenou: seguiu o ladrão que percorreu tres ou quatro pequenas ruas, e o viu entrar em casa de um padeiro, onde comprou um pão de sete ou oito libras, e trocou uma das pistolas que tinha. A dez ou onze casias d'ali, entrou em um corredor, subiu ao quarto andar, e, chegando a um reducto esclarecido somente pelos raios da lua, deitou o pão no meio do aposento, e disse chorando á sua mulher e a seus filhos:

— Comei! eis ahí um pão que me custou caro; fartaí-vos, e não me atormenteis mais, como me tendes feito. Um d'estes dias serei enforcado, e sois vós a causa de tamanho infortunio.

Sua mulher banhada em prantos, e tratando de prestar consolações a seu infeliz marido, levantou o pão e deu a quatro pobres filhas que estavam inanidos pelo furor da fome.

Quando o criado acabou de observar esta

lamentosa scena, seguiu pressuroso a dar fiel e exacta conta a seu amo de tudo o que tinha visto e ouvido.

— Tomaste sentido onde elle habita? perguntou-lhe Mr. de Salo, e poderás conduzir-me lá amanhã cedo?

— Sim, senhor, respondeu-lhe; é na rua de... e lá vos conduzirei mui facilmente.

No dia seguinte ás 5 horas da manhã, Mr. de Salo dirigiu-se ao lugar indicado, e encontrou duas criadas visinhas que já variam a rua. Perguntou a uma d'ellas quem era a individuo que occupava um aposento no quarto andar d'aquelle edificio.

— É, senhor, respondeu a criada, um sapateiro, bom homem, e bem servçal; porém, carregado d'uma consideravel familia, e tão pobre, que não se póde ser mais.

Dirigi a mesma pergunta á outra, que lhe deu pouco mais ou menos igual resposta; subindo depois á casa do homem que buscava, bateu á porta. Este desgraçado, vestido apenas com uns máus calções, veio abri-la, e reconheceu logo aquelle a quem havia roubado em a noite precedente. Não é possível dizer qual foi sua surpresa. Lançou-se a seus pés implorando perdão do que havia feito, e supplicando, em nome de sua miseranda familia, que o não perdesse.

— Não faças bulha, disse-lhe Mr. de Salo; eu não venho aqui com tal designio. Vós exerceis, continuou elle, um máo officio, e ha pouco tempo que o professais. Convém portanto que pessoa alguma o saiba, para que vos não exponhais a severo castigo.

— Oh! senhor....

— Sei que sois sapateiro. Tomai esta bolsa, eis ahí trezentos francos que vos dou; comprareis couro, e trabalhareis para ganhar a vida, e manter vossos filhos.

O pobre sapateiro e sua familia cheios de pasmo e admiração prostraram-se ás plantas de Mr. de Salo, cobriram de ben-

ções tão magnanimo protector; e com o diluheiro que generosa e inesperadamente acabava de receber, o desgraçado pae estabeleceu-se, e conseguiu por este modo alimentar sua mulher e seus filhos, que se julgavam precipitados no horroroso abysmo da furibunda desgraça.

A necessidade, ás vezes, conduz ao crime; mas quanto não é digno de respeito e admiração do genero humano o ente virtuoso, que, similhante á Divindade, faz retroceder o misero mortal para a senda da virtude?!...

*Trad. por M.*



## POESIA.



### A SYLPHO

OU

### MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

*Pour moi, dans ton cœur senti mon nom  
désire un temple.*

*(Luce de Lancival.)*

H.

AS MULHERES.

Ver um homem lançado entre os ruidos,  
Entre o tumultear do vasto mundo  
De omnimodas paixões theatro immenso;  
Vê-o n'uma voragem de prazeres,  
N'um pégo de emoções não afundir-se,  
Não é crível, e até de ser verdade  
Senão do verosimil perde os fóros.  
Quem de ânimo ba hi tão frouxo, e exiguo  
Que, vendo uma beldade desvelar-se  
Em compôr o semblante de attractivos;  
Em dar ao garbo o mais donoso esmalte;  
Em abrir doces risos que só rocem  
Dos labios a rosada superficie;

Em prover de languor irresistível  
Os olhos que tiver conquistadores;  
Em preparar as vozes, e fallal-as  
Com todo o timbre de facundo alcance,  
Quem ha hi, me dirá gran parte illustre  
Da nossa sociedade, que resista  
A tantas seducções, tantos enlêvos?  
Xenocrates não ha em pouca idade,  
E mesmo custa a havel-os na propecta!  
As hellas são despoticas rainhas,  
São despotas, tyrannas caprichosas.

Sabem reinar de maneira  
Que, coroadas de amor,  
Fazem o sceptro de egolsmo  
Pesar sobre o amador,  
E, estadeadas n'um throno  
Que por subpedaneo tem  
Os corações dos que as amam,  
E as denominam seu bem.  
Dão a lei, firman do turco,  
Que ninguem sóe abrogar,  
E, amando fracamente,  
Fazem-se immenso adorar.

## III.

## OCCASIAO DE AMAR.

Um saráu, uma dança, uma partida,  
Uma walsa walsada, de dois corpos  
Formando um corpo só, e o passeio  
Perdido entre o tumulto, e protegido  
Por outros que não querem devassal-o,  
E o borborinho de incessantes fallas,  
Não são um melo prompto, um laço, um visco  
Para a conquista de quem for sensível?  
Quem pôde á amor fugir em tal ensejo?  
Quem terá tal poder, tal energia,  
Ou tão gélido o peito que não sinta  
Por elle ensinar-se ou doce, ou rude  
O farpão que debella a esquivaça,  
E a transmuda em attenção solerte?  
Quem então, junto ás aras da belleza  
Seus braços de isempção, de liberdade  
Não deporá como um trophéu devido  
Ao triumpho da bella que o subjuga,  
E lhe vai algeimar toda a vontade  
De até sonhar um dia em libertar-se?  
Qu'ê do sabio, do guerreiro,  
Do nobre varão, do heróe  
Que d'estas redes de amor  
Escapar illeso sóe?  
As Aspacias, as Lats,  
Lindas só, mas sem pudór,  
Não jungiram a seu carro  
Tantos sabios de primór?

E Omphale, Briseis, Dalilla, Helena  
Não venceram heróes da marcia arena?  
De tal guisa argumenta o mundo todo,  
Mundo de pretensões que não conhece  
Quanto é fallaz, e sobremodo illuso!

(CONTINUAR-SE-HA)

## O SUSPIRO.

Tu que és a expressão  
Mais eloquente da dôr,  
Tu que és o mensageiro  
De saudades, e de anôr,  
Parte, e guie-te ligeiro  
De amena briza o fávôr.

Não te arreceies, suspiro,  
Do encontro d'algun tuffão,  
E se o topares, publica  
Pelo ar tua missão,  
E profere o grato nome  
Que me occupa o coração.

Verás como o fero noto  
Deixa logo de bramar,  
E uma aragem perfumada  
Te auxilia a proseguir  
Na tua triste embaixada,  
Que triste tens de cumprir.

Não te assiste o nevoeiro  
Que o espaço escurecer;  
Profere o nome de EULINA,  
Has de a caligem romper:  
— O nome de minha amada  
Sôbre tudo tem poder! —

Assim pois, parte, suspiro,  
A cumprir tua missão;  
Dize tudo á bella EULINA  
Que viste no coração,  
D'onde partes por effeito  
Da mais vehemente paixão.

Dize que eu serei constante  
Como o penedo no mar,  
Que quebra o furor das ondas,  
Que embalde o vão assaltar,  
E que em troca d'este amor  
Só lhe peço um meigo olhar.

Mas um olhar que reuna  
Toda a ventura terrena,  
Um olhar de languidez  
Da expressão mais amena  
Que n'e fica n'este mundo  
Ver do céu a luz serena.

J. B.

### ÉS TÃO BELLA!...

Teu amante sou eu — tu és só minha

J. DE LEMOS — A ESTRELLA.

Um sorriso de ti, minha Josina,  
Um só volver dos olhos teus, formosos,  
Embaixam minh'alma, partilhando  
Dos mais gratos prazeres... venturosos!...

Teu rosto, aonde existe só primores,  
E' o mais doce enlevo do meu peito;  
Teu rosto, de candura tão divino,  
E' ao meu coração o mais perfeito!

E eu amo n'elle as perfeições, as graças,  
Com que sábia natura te ha brindado;  
Eu amo n'elle as expressões mais bellas,  
E em tal amar me chamo afortunado!...

Mil vezes para ti olhando attento,  
Em ti admitando a natureza,  
C'os mais puros arroubos amorosos  
Meu coração bendiz tua belleza!...

E Deus que uniu a tanta formosura  
Esse genio singelo .. meigo... terno...  
Formou-te assim, em tudo o mais completo  
Typo, digno do amor mais sempiterno!

E a ti amando, eu amo o mesmo Deus;  
Pois esse teu composto tão divino  
E' obra só da sua Omnipotencia,  
E' um transumpto que só d'elle é dino!

FLORIANO ALVES DA COSTA.



### CHARADA.

Junta-lhe um S encontrarás a patria  
D'um varão Grego de eternal memoria.— 1  
Nasço da terra, e d'ella vou fugindo  
Té que pereço riqueza, fama e gloria.— 2

Orpheu, o mesmo Orphen, sem mim de balde  
Tangêra a lyra p'ra salvar a amante;— 1  
Sendo sagrado gran respeito inpiro  
Mas posso ser infame ou aviltante.— 1

Roma, não temas do patricio ingrato  
A vingança cruel, feroz rancor!  
Se a esposa e filhos com horror despreza,  
A's lagrimas da mãe cede o traidor.



Assim o rei das florestas  
Entonna a juba no ermo.— 2  
Tanto é Pariz como Londres,  
Veneza como Palermo.— 3

Nos irracionais atterra;  
Porém nos que tem razão  
Além de muito aterrar  
É improprio de christão.

**A explicação do logogripho  
do n.º antecedente é: — Pala-  
cio: — e a da charada: — Al-  
faiate.**

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida  
rua da Valla, 141.